

Livrarias de rua resistem ao tempo

Para além das grandes redes que costumam concentrar um volume maior de vendas, as livrarias de rua seguem resistindo ao tempo e reunindo quem mantém uma relação de afetividade com os espaços de leitura

LEITURA

Cintia Magno

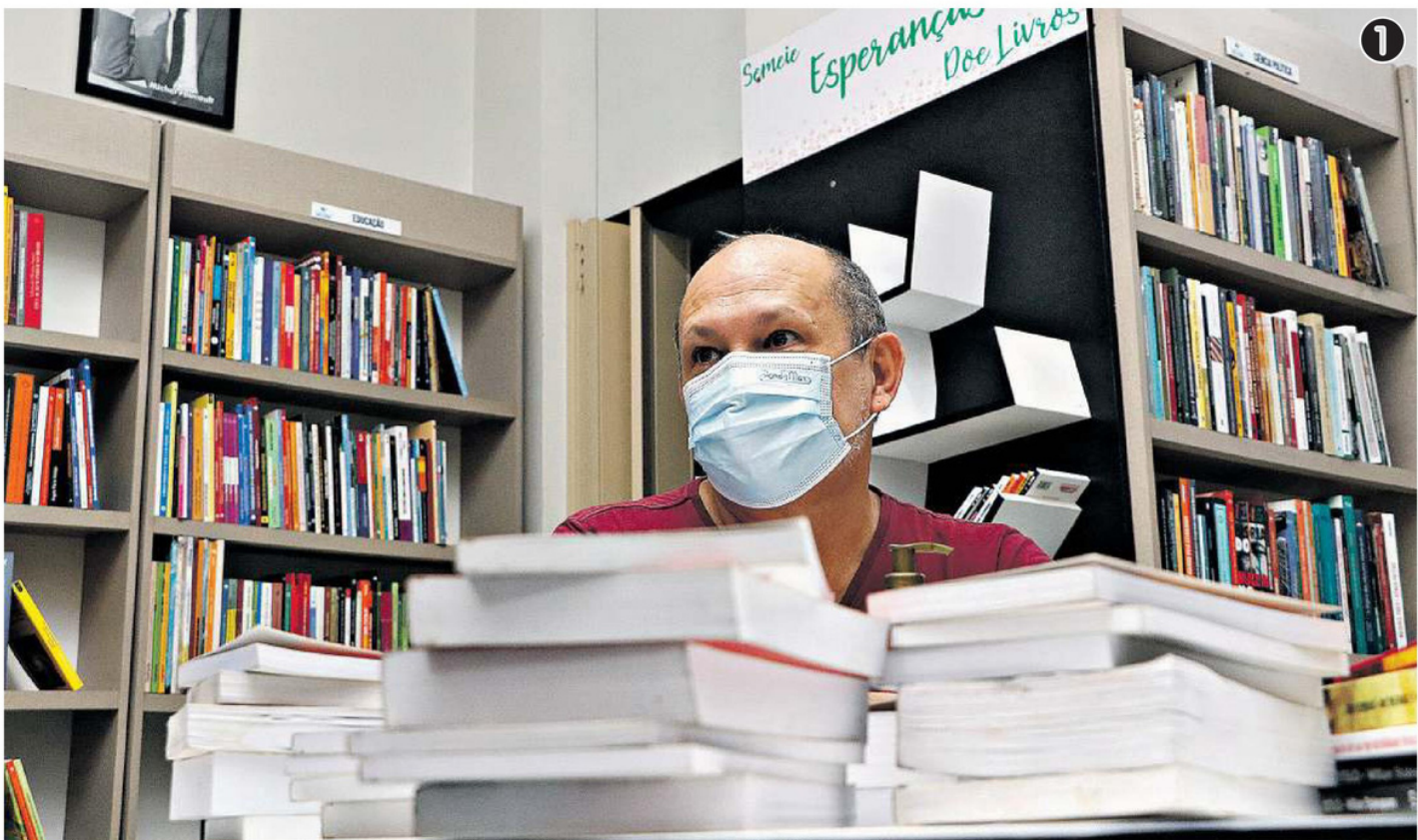
Na contramão da presença cada vez maior dos eletrônicos nas diversas relações do dia a dia, uma pesquisa encomendada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) aponta que o mercado de livros cresceu no Brasil no ano passado. De acordo com o levantamento, 2021 registrou um crescimento de 29,36% em volume de vendas de livros no país, em comparação ao ano anterior. Para além das grandes redes que costumam concentrar um grande volume de vendas, as livrarias de rua seguem resistindo ao tempo em Belém e reunindo quem mantém uma relação de afetividade com os espaços de leitura.

Foi dentro de um banheiro da Universidade Federal do Pará (UFPA) que a história da Livraria Confraria do Livro teve início. Durante a atuação no movimento estudantil, enquanto ainda era estudante da faculdade de história, o hoje professor Expedito Quaresma decidiu dar início à atividade de livreiro. De lá para cá já se passaram 30 anos e a livraria voltada, principalmente, para as obras de ciências humanas, exatas e de educação, segue resistindo. “A livraria continua funcionando dentro da UFPA, mas dois meses antes da pandemia decidimos montar um espaço também para o público que não vai à universidade, mas com a pandemia ficamos com as atividades presenciais interrompidas e agora estamos retomando”.

No espaço instalado no bairro de São Brás, as centenas de livros enfileirados nas prateleiras que preenchem todas as paredes são um convite à curiosidade. Em cada espaço é possível encontrar um autor novo ou mesmo um exemplar de um velho conhecido de leituras anteriores. Essa relação afetiva criada entre os que apreciam a leitura e o espaço é uma das características mais marcantes das livrarias de rua, na opinião do professor Expedito.

“A gente se entende como uma livraria de resistência mesmo porque, hoje, a grande concorrência das livrarias pequenas são as multinacionais e a internet. Somente na pandemia mais de 100 livrarias foram fechadas no Brasil inteiro por não conseguirem concorrer com essas multinacionais”, considera. “Mas o nosso propósito é continuar mesmo porque é muito prazeroso vir até o espaço, manusear o livro, conversar com as pessoas. Temos clientes que nos acompanham ao longo desses 30 anos e o laço de confiança é tão grande que ainda trabalhamos com aquele antigo crediário. O mais curioso é que nesses 30 anos nós nunca tivemos nenhum calote”.

O atendimento mais próximo e acolhedor proporcionado pelas pequenas livrarias de bairro é o que leva a artesã Maria Del Mar, 55 anos, a cultivar o hábito de visitar as livrarias locais das cidades por onde ela viaja. Em visita a Belém, a espanhola conta que pesquisou na internet uma livraria próxima de onde ela estava hospedada e, rapidamente, estava diante das mais variadas obras e clássicos da literatura brasileira. “Eu não gosto muito das livrarias de shopping, então eu busco sempre as pequenas livrarias da cidade mesmo. Sempre que eu



EM IMAGENS 1 Expedito Quaresma 2 Maria Del Mar 3 Juarez Coqueiro 4 Anderson Kleiton Sales FOTOS: IRENE ALMEIDA 5 Wagner de Lima Alonso (o que está sem óculos na foto) com a equipe da livraria FOTO: DIVULGAÇÃO

RECOMENDAÇÃO

● A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) recomenda que haja uma livraria para cada 10 mil habitantes.

● De acordo com a Associação Nacional de Livrarias (ANL), o Brasil tinha uma proporção de uma livraria para cada 96 mil habitantes em 2021.

viajo, visito uma biblioteca e uma livraria”, conta, ao relatar que viaja pelo mundo há mais de 30 anos. “Como eu viajo sempre sozinha, o livro é o meu amigo”.

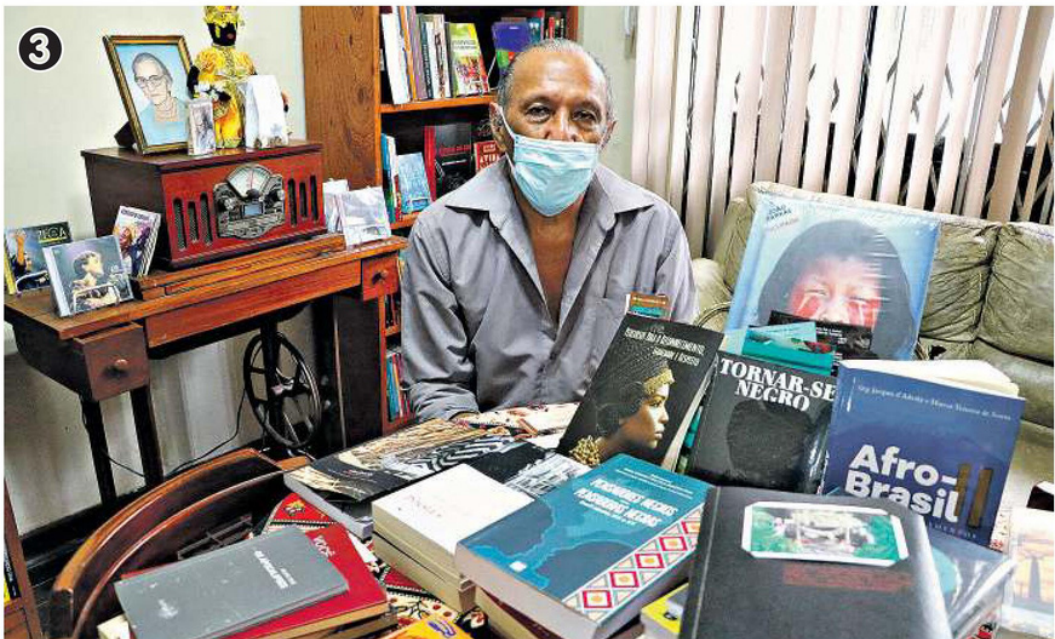
Já tendo apreciado a obra de Jorge Amado em espanhol, agora, em Belém, Maria Del Mar aproveitou para buscar um livro do autor brasileiro em sua língua original, o português. “Quando a gente lê na língua, consegue aprender mais o português. Então é muito bom poder conhecer os livros dos autores dos países que se visita e aqui você consegue conversar com o vendedor, pedir uma indicação. É um espaço mais afetivo”.

Os laços criados com os clientes amantes dos livros foi um fator decisivo para que o livreiro Wagner de Lima Alonso decidisse manter a Livraria Solar do Leitor em um momento de grande mudança. Ele lembra que a livraria surgiu há 20 anos, com uma banquinha de livros didáticos instalada dentro de um colégio particular de Belém. Na época, Wagner era estudante do curso de administração e o seu pai era professor no colégio. “Eu fui até a diretoria, fiz a sugestão e eles autorizaram que eu usasse uma área de circulação do colégio, onde nós colocávamos uma mesinha com os livros todos os dias e, no final do dia, a gente encaixotava e guardava em uma sala”.

HISTÓRIA

Com o foco nos livros didáticos, a pequena banquinha foi crescendo e foi possível instalar a livraria em uma sala dentro do colégio. Com a expansão, foi possível começar a trabalhar também com livros da área de humanas, segmento no qual a livraria é especializada até hoje. Quando já ocupavam um espaço de dois andares e tinham mais de 10 mil títulos de diferentes editoras, a escola decidiu não trabalhar mais com o sistema de livros didáticos e a Solar do Leitor decidiu sair do colégio.

Foi o momento em que Wagner e o pai até pensa-



ram em fechar a livraria, mas o pensamento nos clientes fiéis fez com que eles resistissem. “Quando a gente saiu do colégio pensamos em desistir, ficamos com medo pensando se seria possível sustentar a livraria. Passamos a manter a livraria em um modelo bem mais enxuto, o faturamento caiu para um terço do que era, mas

a gente pensou nas pessoas que tinham a gente como referência. Não são muitas, mas existem”, lembra Wagner. “Tem um cliente que compra livro na livraria desde os 11 anos de idade e a gente pensava nisso, nessas pessoas. A gente sentiu que tinha uma responsabilidade, que não podíamos simplesmente fechar. Tem pessoas

que gostam de livros que a gente escolhe ter na livraria”.

Há cinco anos a livraria funciona no bairro do Telégrafo, próximo à Universidade do Estado do Pará (Uepa), em um prédio que, na parte de cima, é a casa do pai do Wagner. “Para não fechar, o meu pai ofereceu o térreo da casa dele. Ele não queria que a gente perdesse esse contato com as novidades, com os livros que chegam, a gente também ia sentir falta de estar ali próximo dos livros, mexendo neles, então a gente quis manter a livraria porque é um pouco da nossa vida também”, explica Wagner, ao afirmar que uma das características das livrarias de rua em geral e, naturalmente, da Solar do Leitor é a especialização em temas que possibilitam que, muitas vezes, elas tenham obras que não se encontram facilmente nas grandes redes de livrarias, por exemplo.

“Hoje tem muitas editoras nascendo, de nicho, que não são feitas por empresários, mas por pequenos livreiros, geridas por uma, às vezes duas pessoas e que tem coisas muito interessantes e que não se encontram nas grandes redes. Claro que a gente não pode abrir mão dos lançamentos das grandes editoras, mas a gente equilibra o que circula mais e um trabalho de garimpar mesmo editoras menores”.

Muito mais que um ponto de venda

A seleção dos livros que são oferecidos na Livraria Ifá também é criteriosa. Instalada no bairro do Marco, a livraria teve início em 2006 em frente à Praça Batista Campos, onde funcionou por três anos. Depois de um período participando apenas de feiras literárias, a livraria reabriu, em 2017, no bairro do Marco. “A ideia de colocar a livraria aqui no bairro do Marco, fora da área comercial, é justamente para criar uma interação com a comunidade. Uma livraria não é só um ponto de venda, mas de encontro, de discussões, de intercâmbio de ideias. Uma livraria é um repositório de conhecimento”, considera Juarez Coqueiro, proprietário da Ifá. “As livrarias de rua têm essa característica de serem livrarias especializadas e a Ifá é especializada em ciências sociais e humanas, além da cultura e literatura negra e religiões de matriz africana”.

O foco das obras selecionadas para a livraria é justamente o que atrai o seu principal público, formado em grande parte por acadêmicos e professores, sobretudo as mulheres. “Hoje a gente já percebe uma produção muito maior de livros nessa área do feminismo negro, da literatura negra, gênero, sexualidade, religiões de matriz africana e essas publicações fazem parte do nosso acervo. É uma livraria que tem posicionamento. Por isso o nome Ifá, de origem africana”, explica, ao analisar como tem sido a busca pela compra de livros nos últimos meses. “O que eu tenho notado é que há, sim, um grande interesse pelos livros, principalmente pelo público feminino que hoje é nosso maior frequentador. Mas, é claro que manter uma livraria é uma resistência, principalmente no Brasil onde o acesso ao livro e à cultura ainda é muito elitista”.

RESISTÊNCIA

A resistência também está presente cada vez que o livreiro Anderson Kleiton Sales abre a Livraria Relicário, instalada no bairro da Campina. Voltado para o segmento de livros usados, o sebo já funciona há 15 anos. “Muitas vezes eu já pensei em fechar o espaço físico e manter apenas on-line, mas não é a minha cara. Eu gosto de ter o contato com o cliente que vem, conversar sobre os livros que temos e com isso, às vezes, não tem o livro que ele queria, mas ele acaba levando outro”, conta Anderson, um dos proprietários da Relicário. “Mas eu tenho percebido que as pessoas têm procurado mais depois da pandemia, com essa situação do isolamento. Tivemos um aumento de 10% a 20% na procura com a pandemia”.

Anderson lembra que trabalha com livros usados desde o seu primeiro emprego, iniciado com 15 anos em um dos primeiros sebos de Belém. Quando ele saiu deste, decidiu montar o próprio sebo junto com uma amiga. Até hoje, a loja resiste com um grande volume de títulos de livros. “Eu trabalho com livro porque eu gosto. É um prazer muito grande para mim”.